

## **Estaremos Muito Bem Guardados**

Stefane Soares Pereira<sup>1</sup>

Quatro e meia da manhã, luz tímida a brilhar nos olhos negros de Nandi, reluzindo como tiras brancas ocupadas com o florescer do menino. Era hora de levantar e acordar sua mãezinha dando-lhe carinho e força para começar mais um dia cuidando de seu filhinho bebê. Nandi rapidamente se aprontava, sapatos encardidos e roupa curta. Naquela época tudo era um pouco deserto, o menino caminhava uma grande distância até chegar ao centro de um vilarejo. Nandi trabalhava em uma pequena mercearia. O lugar não era muito grande, feito de madeira clara, levantado por um senhor de meia idade, era o único da região a receber frutas semifrescas.

Pés nobres a pisarem firme na rocha dando-lhe força aos seus membros saem ágeis para o dia de trabalho. Nas mãos, um pano amarelado enroladinho afavelmente pelas mãos pequeninas e ásperas. A cada passo, ouvia-se o zéfiro trepidante cortando-lhe a pele jovem e viril, os peruinhos-dos-campos e pitangúas por toda parte e Nandi abocanhando a poeira avermelhada do alvor. Era preciso apertar o passo, nenhum minuto de atraso seria permitido, mas antes, espere, Nandi era uma criança, não poderia fazer um trajeto tão sério assim...

Ora, se ele tinha que acordar tão cedo, todos tinham que acordar também! Nandi atraía todos os cachorros, e ao ver algum senhor bem vestido, ah, não hesitava, logo fazia com que um dos cãeszinhos corresse atrás do gentio, quando não todos! Divertia-se quando no caminho os menorzinhos lhe faziam medo, e os homens cheirosos perdiam a compostura, largando os deliciosos pães para trás. Ah, que felicidade! Nandi pegava o pão como se fosse ouro, pedra divinamente preciosa e trocava o pedacinho de pão velho que a mãe arrumara para ele por aquele fresco da manhã. Todavia, isso não acontecia todos os dias, e nem sempre Nandi podia levar parte o pão do dia para a mãe e o irmão.

Ao voltar do longo labor, à noitinha, tudo era diferente. Nandi tinha que ter olhos de coruja, e passos ainda mais firmes, mais firmes que antes. Nandi sempre voltava com algum

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras: Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.

alimento para casa, assim era o seu ganha-pão. O zelo era fundamental para que nenhum espertinho lhe pegasse desprevenido e roubasse-lhe o paninho amarelado da mamãe. Geralmente ganhava farinha e banana e, ao contrário de muitos os que estavam em seu caminho, Nandi não tinha uma companhia paterna para proteger-lhe e acompanhá-lo a cada jornada. Ia cantarolando o cantar da triste-vida na penumbra e carregando a arma de São Jorge consigo, a fim de não ser nem preso e nem tomado. Mas a dor da não presença do pai lhe visitava em todo o entardecer. A mãe dizia que o pai havia os deixado para ir mais ao sul procurar boa-via nas lavouras de café. Seu irmãozinho? Mistério ainda maior, mamãezinha não dizia quem era o causador da ação, e nas poucas vezes que Nandi perguntou, a genitora mandava-lhe fazer alguma coisa urgente e delongada. É verdade que, às vezes Nandi deparou-se com a mãe acordando na madrugada e dizendo-lhe ir buscar folhas de chá para o bebê. Cansado, Nandi não ponderava sobre a frequência das atitudes, quiçá nem mesmo desconfiasse...

No dia seguinte, Nandi beijava a mãezinha e o irmão bebê, benevolente do desânimo natural da mãezinha, por vezes sobrava-lhe algum leite do irmão. E saía, entretanto, sorridente recolhendo cachorros em senhores elegantes e soltando galinhas dos quintais, ocasionalmente esbarrava-lhe alguma pedra. Chegando ao trabalho, o menino ajudava a descarregar as frutas, lavava-as e organizava-as no balcão. Esse dia chegaram-lhe frutas avermelhadas, bem mais redondas que suas bolas de meia do futebol. Seu cheiro perfumava todo lugar, atraindo todos os senhores e senhoras, jovens e crianças, bem ou mal trajados. E Nandi não podia apenas se contentar com o cheiro, tinha que perpassar a tentação e ainda lavá-las antes de expô-las no balcão. Oh tortura! Nandi sonhava com o dia em que ganharia uma fruta daquela como recompensa do dia.

Nandi foi crescendo, e a tristeza do entardecer foi lhe ocupando também os dias. A vida não mudava e agora Nandi tinha mãezinha doente, e o irmão ainda era muito pequenino. O leite não mais aparecia. A brincadeira dos cães com os senhores passou também a fazer parte da rotina de senhoras jeitosas e desairosas, que por ventura logo tardaram a busca pelo pão. A mudança retardou a fome alimentando o desespero do jovem Nandi. E um belo dia de verão buganvílias amarelas deitavam sobre as caixas das frutas vermelhas, o preço abaixara um pouco e o patrão encomendara mais do que o normal, ficariam na área guardadas até o dia

seguinte. O lugar era tão perto da trouxinha amarelada de Nandi...o patrão não perceberia, ele tinha mãos hábeis, como não pensara nisso antes? Anos molhando a gola pelas pequenas esferas, que se tornavam enormes nas mãos de quem as lhe desejava e não poderia possuí-las. Era isso! Pegou duas, o patrão estava de costas fechando o caixa, mas, de repente, tocou-lhe os ombros, não conhecia a astúcia do senhor. O silêncio pairou por uns instantes quando, num sussurro profundo o patrão confessou-lhe odiar as pequenas vermelhas, sua filha ainda bebê engasgara com um pedacinho dela e falecera. Desde esse dia ele perdeu o gosto pela vida, mas se quisesse muito, poderia levá-la todos os dias, mas que deveria ter cuidado, já era tempo de recompensá-lo melhor.